

PSICOLOGÍA SOCIAL: PERSPECTIVAS PSICOLÓGICAS Y SOCIOLÓGICAS¹

Cássio Adriano Braz de Aquino*

O livro *Psicología Social perspectivas psicológicas y sociológicas*, escrito pelos professores José Luiz Álvaro e Alicia Garrido, é uma obra de grande importância, principalmente num momento em que a psicologia social no Brasil se expande e ganha novos e distintos olhares.

Poderíamos defini-lo como um manual introdutório, mas cometeríamos um equívoco ao limitá-lo a um trabalho que teria como propósito resumir e concentrar o conhecimento relativo a uma dada ciência ou arte. Os autores revisitam, através de um profundo cuidado histórico, as principais teorias que constituíram e constituem esse campo hoje delimitado como Psicologia Social. Essa visita se faz através de uma responsável preocupação ontológica, o que torna o texto um referencial básico para professores, alunos e profissionais que vêm na Psicologia Social um campo de atuação e de viabilização de seus estudos e de suas práticas.

Ao adotar o arriscado processo de reconhecer e posicionar-se frente a uma dupla origem da área – a psicologia e a sociologia – os autores desafiam e superam, com louvor, as possíveis críticas sobre o risco da constituição da dualidade e a penúria de uma concepção autônoma para a Psicologia Social, utilizando para isso uma análise criteriosa das teorias que a foram constituindo e lançando mão da contextualização das concepções epistemológicas e metodológicas que dominavam cada período histórico por eles abordado. Ainda que muitos discordem dessa paternidade (ou maternidade) compartilhada, o desenrolar do texto mostra a Psicologia Social como um variado território de intercessões que pode inclusive dar margem a um tratamento de ‘psicologias sociais’. É, basicamente, a utilização do recurso de contextualizar historicamente a partir das concepções epistemológicas e históricas, que viabiliza a

estruturação dos capítulos do livro. Essa trajetória, marcadamente histórica não se resume, porém, a uma abordagem linear - no sentido moderno do termo -, mas implementa a compreensão de uma multiplicidade de origens e de condicionantes para a constituição de um território tão fronteiro entre duas disciplinas.

O livro inicia sua análise no contexto onde a psicologia e a sociologia reivindicam seu estatuto de autonomia frente à filosofia. O processo de independência e consolidação dos dois conhecimentos levou os autores a utilizarem o recurso “geográfico” do surgimento das ciências sociais para explicar a constituição da Psicologia Social; ou seja, o acento é posto no contexto social e cultural onde nasciam as idéias. Essa forma de abordagem é diferente da adotada nos demais capítulos, onde a explicação lança mão do conhecimento teórico proveniente tanto da psicologia como da sociologia, já suficientemente constituídas no espaço do saber científico.

O marco do surgimento da psicologia como disciplina independente é ratificado pelo lançamento dos dois primeiros manuais *An introduction to Social Psychology*, do psicólogo William McDougall, e *Social Psychology: An Outline and a Source Book*, do sociólogo Edward Ross. Nesse momento os autores têm a preocupação de não vulgarizar sua percepção da dupla constituição da Psicologia Social, apelando apenas para a origem dos autores nas duas diferentes disciplinas, pois lançam as bases da construção das idéias aí contidas num considerável apanhado epistemológico. Apontam em McDougall as influências da *Völkerpsychologie* de Wundt, além da Psicologia da Gestalt – Wertheimer, Kofka e Kohler e do Condutismo de Watson e em Ross as influências da teoria social através de autores como

¹ Álvaro, J. L. & Garrido, A. (2003). *Psicología social perspectivas psicológicas y sociológicas*. Madrid: McGraw-Hill/Interamericana, S.A.U.

* Doutor em Psicologia Social, docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará-UFC.

Weber, Simmel e Cooley. É também nesse apartado do livro que, ao meu ver, fica denotada a importância - talvez não suficientemente explorada em boa parte das escolas brasileiras - do interacionismo simbólico e da obra de George Mead, naquela que é por muitos apontada como a mais sociológica das teorias psicológicas ou mais psicológica das teorias sociológicas.

Na sequência do texto, ao relevar o domínio do positivismo lógico - fundamental na tese da unidade da ciência - poderia haver margem para pensar a aproximação entre as duas vertentes, mas fica claro que o impacto desse domínio teve distinta conotação nos espaços psicológico e sociológico. Na sociologia americana desenvolveu-se o funcionalismo estrutural com forte influência de Talcon Parsons, enquanto na Europa, sob a influência marxista, houve a configuração da Escola de Frankfurt. Na psicologia, por outro lado, havia uma forte influência do condutismo. No entanto, a psicologia social pareceu relativamente imune à influência hegemônica do condutismo, considerada a corrente mais representativa do “neopositivismo”. A dificuldade em considerar uma explicação do comportamento social isenta dos desígnios da consciência ou dos processos mentais superiores foi o que propiciou uma forte influência da Psicologia da Gestalt, representada principalmente através do pensamento de Kurt Lewin e seus estudos sobre os comportamentos grupais; e também dos trabalhos de Vygotski sobre a gênese cultural da consciência, embora de uma forma muito discreta e quase marginal. Fica claro na observação feita pelos autores que a influência psicológica nos estudos da Psicologia Social parece mais representativa nesse período - a diferença do período anterior onde a sociologia parece haver dominado - e isso é explicado pela maior adaptabilidade da psicologia aos princípios do positivismo lógico. A influência positivista também serve de explicação para a perda de relevância do interacionismo simbólico, por esse não se adequar ao modelo de cientificidade dominante.

No transcurso dessa história da Psicologia Social percebe-se a preocupação no texto em recorrer constantemente a uma análise da filosofia da ciência, para com isso compreender a repercussão, na configuração da psicologia social, das transformações aí operadas. A crise do positivismo lógico e a conseqüente revisão dos pressupostos que constituíam o suporte da análise da atividade científica possibilitaram, a partir da década de 1970, o acolhimento de diferentes

propostas já não tão fiéis às crenças na atividade racional, na objetividade e na existência de um único método a ser seguido pelas “ciências”. Os determinantes históricos e sociais começavam a ter relevância no desenvolvimento da atividade científica. O texto ressalta ainda que a crise do positivismo lógico teve também sua repercussão na sociologia da ciência, de forma especial com a contribuição do pensamento de Kuhn, destacando a consideração dos métodos de validação do conhecimento científico ao lado dos fatores históricos e sociais. A crise da Psicologia Social sofrida no princípio dos anos 1970, conseqüência da crise das ciências sociais como um todo, acabou constituindo-se em um espaço potencialmente aberto a novas contribuições do pensamento. Na psicologia deu-se a relevância das correntes que iriam questionar a adequação do método científico, numa alusão clara à prisão a que estiveram submetidas quando do domínio do positivismo lógico. Entretanto, como destaca o texto, no território da psicologia elas não ficaram restritas a isso, como bem comprovam as perspectivas trazidas com a cognição social, e também contribuições sobre as relações intergrupais e sobre as representações sociais, através de nomes como Tajfel e Moscovici, respectivamente. No território sociológico, os autores destacam o ressurgimento do interacionismo simbólico com Stryker, a teoria da estruturação de Giddens, a teoria da figuração de Elias e o construtivismo estruturalista de Bourdieu.

O percurso histórico desenvolvido pelos autores deixa claro que a proposição sobre a autonomia de uma disciplina, ancorada numa divisão e distinção com outras disciplinas - herança talvez da lógica científica que dominou parte do século XX -, tem na Psicologia Social uma limitação lógica, tratada nas palavras dos próprios autores.

“A psicologia, cuja pretensão inicial foi o estudo científico da mente, teve que assumir de súbito que a mente humana não surge nem se desenvolve num vazio social, se não que é produto da interseção da pessoa dentro de uma coletividade. O mesmo se pode dizer da conduta individual. A sociologia, por sua parte, que surgiu com a pretensão de converter-se no estudo científico da sociedade, tampouco pode ignorar em suas análises a existência de fatores psicológicos ou individuais que influem no comportamento social”. (Álvaro & Garrido, 2004, p. 7). [Tradução livre]

Ora, a Psicologia Social é o espaço de interseção entre essas duas premissas. Pensar o

indivíduo separado da sociedade ou a sociedade sem os indivíduos é um exercício de impossibilidade ou de vazio da realidade.

A forma como as idéias estão colocadas no texto permite uma assimilação do que pretendem os autores, ou seja, lançar mão das premissas epistemológicas e metodológicas para dar sentido à Psicologia Social. O livro mostra a cara das diversas teorias que desvelam o espaço da Psicologia Social e - o que é um aditivo - mostra também a cara - literalmente - dos teóricos que as

preconizam. É sem dúvida uma mostra de trabalho sério e de qualidade realizado pelos professores Álvaro e Garrido. Um convite àqueles que queiram desvelar também sua vinculação com a Psicologia Social, seja na perspectiva psicológica, seja sociológica ou na independente

Recebido em 28/03/2005

Aceito em 30/04/2005

Endereço para correspondência: Cássio Adriano Braz de Aquino, Universidade Federal do Ceará, Departamento de Psicologia, Av. da Universidade, 2762, Benfica, CEP 60020-180. *E-mail:* ca.aquino@uol.com.br